# Hermenêutica Dispensacionalista

Extratos de

***Dwight Pentecost* e *Richard Mayhue***Compilação por *Israel Reis*

A hermenêutica verdadeiramente bíblica exige, indiscutivelmente, três regras indispensáveis para uma teologia honesta e sem distorções da Escritura Sagrada.

## REGRA 1: A HERMENÊUTICA HISTÓRICO-GRAMATICAL CONSISTENTE ELIMINA ALEGORIZAÇÕES INFUNDADAS

Se a maioria dos cristãos soubesse dos desdobramentos que a Eclesiologia e Escatologia trazem para a vida prática do cristão, não estariam atribuindo o tema a uma mera questão "secundária". A prática do pedobatismo, por exemplo, é só a ponta do Iceberg Aliancista – Essa tradição romana ficou enraizada na maioria das igrejas reformadas e causa danos irreversíveis na ortodoxia cristã de forma direta.. Há alguns anos atrás eu não diria isso.

Mas, tendo me aprofundado um pouquinho no tópico e vasculhado as consequências doutrinárias resultantes de uma Eclesiologia surgida com as alegorias mirabolantes de Agostinho, descobri que não se trata meramente de ênfase, mas de conteúdo. Tanto os apóstolos como os pais da igreja dos dois primeiros séculos jamais foram conhecidos por defenderem uma visão anti-dispensacionalista.

A hermenêutica bíblica é o estudo dos princípios e métodos de interpretação do texto bíblico. Segundo os comandos claros de Timóteo 2:15, ao se envolverem com a hermenêutica, os crentes devem "procurar se apresentar a Deus aprovados, como obreiros que não têm de que se envergonharem, que manejam bem a palavra da verdade”(v.15).

Deste modo, o objetivo central da hermenêutica dispensacionalista é nos guiar por entre as passagens bíblicas com o propósito de nos levar a uma interpretação aplicada pela própria Escritura, e jamais pela ótica limitada de métodos humanistas, tais como o método de interpretação histórico-crítico ou alegórico. Assim, com base no método histórico-gramatical [literal] dos textos sagrados, atestado e aprovado pelo tempo, a intenção da hermenêutica dispensacional é mostrar o genuíno entendimento e aplicação da Teologia Bíblica.

Toda teologia é, por definição, bíblica. Mas, quando falamos de Teologia Bíblica em termos de método interpretativo, estamos a tratar daquilo que foi dito somente pelos autores inspirados das Escrituras Sagradas, sem subterfúgios em opiniões de reformadores e/ou manuscritos não-inspirados, ou até mesmo na aplicação da filosofia cristã, que inclina-se a defender a fé cristã a nível apologético dentro de âmbitos científicos a fim de provar a autenticidade da Palavra Revelada.

A regra indispensável e crucial para o método histórico-gramatical de interpretação é que a Bíblia deve ser interpretada literalmente, a menos que a mesma nos forneça outra interpretação textual clara que aponte para um simbolismo intencionado pelo autor inspirado.

Isto significa que a Bíblia deve ser sempre interpretada com base em seu significado normal ou simples, a menos que o texto sagrado revindique por si mesmo uma alegorização e o autor inspirado mostre claramente sua intenção de apontar para uma conclusão simbólica da passagem.

A hermenêutica dispensacionalista se diferencia de todas as outras hermenêuticas por conta de sua consistência. Quando de frente para uma passagem bíblica, ela nos mostra de forma concisa se alguma figura de linguagem está, de fato, sendo empregada no manuscrito dos profetas ou dos apóstolos.

Na Bíblia não existem contradições ou múltiplos sentidos. Ela diz o que deseja realmente dizer e não pergunta ao homem se ele tem uma opinião secundária a respeito do que está escrito.

Por exemplo, quando Jesus fala de ter alimentado "os cinco mil homens" em Marcos 8.19, o princípio da hermenêutica irrefutável exige que entendamos os “cinco mil” como um número literal – havia uma multidão de cinco mil pessoas esfomeadas e que foram alimentadas com verdadeiros pães e peixes por um Salvador dotado de poder milagroso. Qualquer tentativa de "espiritualizar" o número descrito em Marcos 8.19, ou de negar um milagre literal de Cristo nesse contexto, é lançar a inerrância das Escrituras na lata do lixo, acrescentar alegorias não intencionadas pelo autor e ignorar as leis da linguagem exigidas pelo autor da carta, que é comunicar um número real, literal e conciso, sem brechas para alegorizações.

Muitos intérpretes, sobretudo aliancistas [adeptos da teologia do pacto] cometem o erro grosseiro de tentar buscar significados esotéricos que nunca são encontrados nas entrelinhas do texto inspirado, como se cada passagem tivesse uma verdade espiritual oculta que, segundo eles, deveríamos tentar decifrar.

A hermenêutica bíblica do Dispensacionalismo (Premilenismo Futurista) nos mantém fiéis ao significado intencionado pela Palavra de Deus e mui longe de alegorizações estapafúrdias de versículos claramente literais que não nos permitem enxergar qualquer sinal de simbolismo nos mesmos.

Dwight Pentecost, um dos poucos hermeneutas honestos de que podemos ter conhecimento hoje, esclarece que “a abordagem literalista não elimina cegamente as figuras de linguagem, os símbolos, as alegorias e os tipos; no entanto, se a natureza das frases assim exigir, ela se presta prontamente ao segundo sentido. Esse método [literal] é o único freio sadio e seguro para a imaginação do homem.

Esse método é o único que se coaduna com a natureza da inspiração. A inspiração completa das Escrituras ensina que o Espírito Santo guiou homens à verdade e os afastou do erro. Nesse processo, o Espírito de Deus usou a linguagem, e as unidades de linguagem (como sentido, não como som) são palavras e pensamentos. O pensamento é o fio que une as palavras. Portanto, nossa própria exegese precisa começar com um estudo de palavras e de gramática, os dois elementos fundamentais de toda linguagem significativa”.[1]

Da mesma forma, Richard Mayhue estabelece a prova irrefutável contra a inconsistência da hermenêutica aliancista:

"Uma teologia não é uma hermenêutica. Tal pensamento enfraquece uma interpretação apropriada da Bíblia. Na realidade, boa hermenêutica (princípios de interpretação de literatura) aplicada por uma exegese habilidosa (Aplicação artística de princípios interpretativos) pode conduzir a uma teologia, mas não o inverso. Infelizmente, todos que seguem tal viés têm colocado o carro proverbial teológico na frente do boi/cavalo hermenêutico.

Todavia, todo Amilenista, Premilenista histórico e Pós-milenista segue esse processo, consciente ou inconscientemente, em parte ou no todo, quando chegam a tratar com a identidade da igreja (Eclesiologia) e o futuro de Israel (Escatologia).

Quando eles não atingem seu fim teológico predeterminado usando a hermenêutica normal (Que os tem servido bem em todas as áreas da teologia), eles mudam a sua hermenêutica para gerar as conclusões predeterminadas com as quais começaram. Isso produz uma abordagem preconceituosa à interpretação a fim de validar uma predeterminada conclusão. Esta é uma maneira inaceitável, inconsistente e inválida para interpretar a Bíblia.

Assim, ela é rejeitada em toda maneira e uso pelo Premilenismo Futurístico. Somente uma hermenêutica consistente pode conduzir a uma interpretação intencionada por Deus do texto sagrado. Para o Premilenismo Futurístico, uma hermenêutica histórico-gramatical consistente para interpretar a Escritura toda é uma teologia pressuposicional, e não predeterminada.

O Premilenismo Futurista não necessita de novas regras de interpretação quando chega em textos proféticos. O texto bíblico é tomado no seu valor normal, em seu contexto, reconhecendo linguagem simbólica e figuras de discursos, somado à realidade que eles representam. Ela permite o intérprete a assumir a mesma abordagem geral à história de Josué, ou ao altamente figurativo Cantares, ou livros proféticos.

Por isso, a não ser que algum claro e incontestável mandato da Escritura mude o modo como a pessoa interpreta a profecia da segunda vinda (e não há nenhum mandato), então a Escritura deve ser interpretada consistentemente ao longo de toda a Bíblia. Somente o Premilenismo Futurista faz isso".

Ao falar da natureza do livro de Apocalipse, Richard Mayhue nos fornece uma prova cabal e cristalina a respeito de passagens que contém números e que, se fossem levadas a sério, em seu sentido normal, muitos males teriam sido evitados ao longo dos séculos na teologia cristã:

“É entendido comumente, como uma regra básica de hermenêutica, que números devem ser aceitos por seu valor real, i ,e., comunicando uma grandeza matemática, a não ser que haja uma evidência substancial que garanta o contrário. Este ditado para interpretar números bíblicos é geralmente aceito como um ponto de partida apropriado [indispensável]. Esta regra permanece real por toda a Bíblia, incluindo Apocalipse. Um resumo de números em Apocalipse sustenta isto. Por exemplo, sete igrejas e sete anjos em apocalipse 1 referem-se a sete igrejas literais e seus mensageiros. Doze tribos e doze apóstolos referem-se ao real número histórico (Ap 21:11-14). Dez dias (Ap 2.10), cinco meses (Ap 9.5), um terço da humanidade (Ap 9.15), duas testemunhas (Ap 11.3), quarenta e dois meses (Ap 11.2), 1260 dias (Ap 11.3), doze estrelas (Ap 12.1), dez chifres (Ap 13.1), mil e seiscentos estádios (Ap 14:20), três demônios (Ap 16:13), e cinco reis caídos (Ap 17.9-10), todos usam números em seu sentido normal. Dos vários números em Apocalipse, SOMENTE dois (sete espíritos em Ap 1.4, e 666 em Ap 13.18) são conclusivamente usados de uma forma simbólica. Enquanto essa linha de arrazoado não prova que "mil anos" em Apocalipse 20 deve ser tomado literalmente, ele coloca o ônus da prova sobre aqueles que discordam em aceitar "mil anos" como mil anos.

Não devem apenas os números em geral ser tomados normalmente em Apocalipse, mas, mais especificamente, números referindo-se a tempo.. Em Apocalipse 4-20, existem, pelo menos, VINTE E CINCO REFERÊNCIAS de medições de tempo. Apenas dois destes demanda ser entendido como algo que não seja um sentido literal, e estes não envolvem números reais: "O grande dia da ira dEle" (Ap 6.17) provavelmente excederá 24 horas e "A hora do seu juízo" (Ap 14.7) aparentemente se estende para além de sessenta minutos. Não há nada, no entanto, na frase "mil anos", que sugira uma interpretação simbólica”.[2]

## REGRA 2: O TEXTO DENTRO DO CONTEXTO

A segunda lei fundamental que rege a hermenêutica dispensacionalista, ou seja, bíblica, é que as passagens devem ser interpretadas visando seu contexto histórico, gramatical e contextual.

### 2.1. O Contexto Histórico:

Ao interpretar uma passagem historicamente, o leitor deve se empenhar em compreender a cultura, pano de fundo e situação que deu origem ao respectivo texto, considerando o contexto do texto. Por exemplo, a fim de compreender plenamente a fuga de Jonas em Jonas 1:1-3, faz-se necessário entender a correlação que a história dos assírios tem com a história de Israel.

### 2.2. O Contexto Gramatical:

Interpretar uma passagem gramaticalmente requer que sigamos as regras gramaticais exigidas pelo texto sagrado e que reconheçamos as nuances do hebraico e grego. Por exemplo, quando Paulo escreve sobre "nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo" em Colossenses 1.13, as regras gramaticais atestam categoricamente que “Deus e Salvador” são termos paralelos e ambos conectados a Jesus Cristo. Em outras palavras, Paulo claramente aponta Jesus como "nosso grande Deus”.

### 2.3. O Contexto em Si:

Ao interpretar os versículos de uma passagem de forma contextual, estamos cientes de que isto envolve a lei imutável que rege toda a Palavra inspirada, onde o leitor deve, por temor e tremor a Deus, considerar todo o contexto de um versículo ou passagem antes de determinar o seu significado uno [e não múltiplo]. Quando de fronte com um texto bíblico difícil de ser conciliado com passagens aparentemente opostas à sua premissa, os versículos anteriores e posteriores do capítulo ou livro, e, se necessário, da Bíblia em seu todo, devem ser imediatamente consultados para a conclusão intencionada pelos autores inspirados por Deus – O Espírito Santo não é débil e a Bíblia jamais contradiz a Si mesma. A Bíblia responde por si mesma, em qualquer passagem que possa apresentar dificuldades de correlação entre um ponto e outro por falta de uma análise aprofundada de seu amplo contexto. Tomemos como exemplo o livro de Eclesiastes. Muitas declarações enigmáticas em Eclesiastes tornam-se mais claras quando mantidas em seu devido contexto – o livro de Eclesiastes é escrito a partir da perspectiva terrena "debaixo do sol" (Ec 1.3). Na verdade, a frase “debaixo do sol” é repetida cerca de trinta vezes pelo rei Salomão, inspirado pelo Espírito Santo, estabelecendo o contexto real para tudo o que é "vaidade" neste mundo.

## REGRA 3: A ESCRITURA INTERPRETA A ESCRITURA

A terceira e última regra crucial da hermenêutica dispensacionalista que se diferencia de todas as visões aliancistas no campo teológico é o fato inexorável de que a Escritura interpreta a própria Escritura. Por esta razão, os cristãos protestantes dispensacionalistas sempre comparam a Escritura com a própria Escritura ao tentarem determinar o significado de uma passagem ao invés de construir uma teologia apropriada com o intuito errôneo de aplicar uma hermenêutica predeterminada (e é esse o maior erro já cometido por aliancistas na história eclesiástica). Uma boa hermenêutica produz uma boa teologia, mas nunca o inverso. Por exemplo, Isaías condena o desejo de Judá de buscar ajuda do Egito. É importante salientar o fato de que a sua dependência em uma cavalaria forte (Is 31.1) era motivada, em parte, pela proibição explícita de Deus de que Seu povo não deveria ir ao Egito em busca de cavalos (Dt 17:16).

Nos últimos tempos, o Premilenismo Futurista (Dispensacionalismo) tem sido maldosamente distorcido por doutores de igrejas tradicionalistas no desespero de defenderem suas convicções heréticas baseadas em erros passados. O Dispensacionalismo tem sido alvo de ataques desonestos e das mais variadas formas de perversão que se pode imaginar, pois o sistema dispensacionalista liberta os leitores de uma hermenêutica espúria e predeterminada por uma teologia de plástico, condicionada a olhar para a Bíblia com os olhos da incredulidade alegórica. O resultado dramático de nossos dias é notado pelas discrepâncias desse sistema religioso corrompido que vemos hoje, a saber, o aliancismo (também conhecido como Teologia do Pacto), igualmente defendido e aplicado pelo catolicismo romano.

As pessoas evitam estudar a hermenêutica dispensacionalista por caírem nos sofismas falaciosas criados pelo sistema evangélico aliancista e por acreditarem cegamente em conceitos “dispensacionalistas” criados pelos anti-dispensacionalistas. Doutores não-dispensacionalistas se empenham em criar conceitos nunca antes defendidos pelo Dispensacionalismo ou, quando isto não funciona, se dedicam a apontar erros obsoletos que os próprios dispensacionalistas corrigiram com o tempo. Ou seja, a elaboração errada de uma premissa obviamente leva a conclusões errôneas da mesma, tendo como objetivo promover um falso sistema eclesiástico jamais defendido pelo verdadeiro Dispensacionalismo. Isto é o que denomina-se como “espantalho”, uma forma sofística de levar pessoas a combaterem o que não entendem nem querem entender, uma vez que estas pobres almas concluíram que o Premilenismo é herético porque o sistema opositor assim o disse com base em falsas aplicações do sistema Premilenista Futurista (Dispensacionalismo).. Estas pessoas, em sua maioria presas pelos grilhões da tradição romana aliancista, perdem o senso de ousadia ao foliar as páginas da Bíblia com confiança no Sumo Sacerdote [Jesus Cristo], que a todos os santos dá sabedoria, sem lançar fora os que com fé a pedem. Elas ficam inclinadas a pensar que, ao estudar o verdadeiro Dispensacionalismo, isto limitaria a sua capacidade de aprender com a Palavra de Deus ou sufocaria a iluminação das Escrituras por parte do Espírito Santo. Não é atoa nem injusto que o nosso lema seja: “Na alegorização está a raiz da incredulidade”.

Todavia, os receios por parte dos que temem estudar o Dispensacionalismo (Premilenismo Futurista) são infundados e provocados claramente pelo medo da verdade. Sim. Medo da verdade que indubitavelmente atravessará seus corações como uma espada de dois gumes; o que irá doer, certamente. Mas, embora a verdade a respeito da natureza inegável das dispensações da Escritura sejam dolorosas para quem se acostumou com a ‘carne podre’ do aliancismo romano durante anos, esta mesma verdade liberta e produz frutos. É assim que funciona em toda a história da Bíblia. Passagens do Antigo Testamento, por exemplo, que antes não faziam qualquer sentido a respeito de Israel, começam a saltar como confetes do Livro Sagrado. A realidade que nos cerca, juntamente com os últimos acontecimentos testificados pelas profecias, trazem luz para o nosso entendimento e esperança realista quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatar a Sua amada noiva e a livrar da Tribulação que há de vir sobre todo o mundo, quando Deus irá ferir a terra com a Sua ira, a qual sobre os ímpios [e não sobre a Sua amada igreja] permanece para sempre.

A hermenêutica dispensacionalista aponta para a correta interpretação do texto inspirado sem mutilar seu real propósito ao se comunicar com os santos de forma inerente. O propósito da hermenêutica dispensacionalista é, sobretudo, nos proteger da má aplicação da exegese escriturística e nos livrar de qualquer outra concepção alegórica infundada que possa corromper a nossa compreensão da verdade. A Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17). Queremos ver a verdade, conhecer a verdade e viver a verdade. É por isso que a hermenêutica dispensacionalista, a qual consiste num método histórico-gramatical consistente – isto é, sem abandoná-lo ao lidar com textos proféticos e relacionados à Eclesiologia e Escatologia – é a melhor opção para quem deseja saber o que a Bíblia de fato está nos comunicando, e não o que a tradição dos homens quer que sigamos por motivos de conveniência.

**NOTAS:**
[1] Dwight Pentecost / *Manual de Escatologia*
[2] Richard Mayhue / *Os Planos Proféticos de Cristo: Um guia básico sobre o Premilenismo Futurista*
\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_
OBS: Premilenismo Futurista significa que nada no Apocalipse (com exceção dos capítulos 1,2 e 3) se cumpriu ainda. Os capítulos 1, 2 e 3 são de fato histórico, e tiveram seu cumprimento nas igrejas existentes naqueles dias, porém no que diz respeito aos seus métodos de aplicação, têm servido para as igrejas de TODOS os tempos. A partir do capítulo 4 o livro é completamente futurista, e terá o devido cumprimento durante o período sombrio da Grande TRIBULAÇÃO, seguindo do MILÊNIO; DEPOIS VIRÁ A ETERNIDADE. (Israel Reis)